

CHRIS CARTER

Autor bestseller do *Sunday Times*

Um por Um

O PÚBLICO ASSISTE.
O PÚBLICO VOTA.
ELES MORREM.

4.8 ★ Amazon
4.5 ★ Goodreads

Tão viciante como a sua
série de TV preferida!



TOP
SELLER

UM

UM ÚNICO TIRO NA NUCA, ao estilo de uma execução. Esta é considerada por muitos uma forma de morrer extremamente violenta. Mas a verdade é que não o é. Pelo menos, para a vítima.

Uma bala de calibre 9 mm penetra no crânio de uma pessoa e sai pelo lado oposto em três décimos de milésimo de segundo. No percurso vai estilhaçar o crânio e trespassar a massa encefálica tão rapidamente que o sistema nervoso não tem tempo para registar qualquer dor. Se o ângulo de entrada da bala na cabeça for o correto, ela deverá ligar o córtex cerebral, o cerebelo e até o tálamo de tal forma que o cérebro deixa de funcionar, dando azo a morte imediata. Se o ângulo do disparo for incorreto, a vítima pode sobreviver, mas não sem danos profundos no cérebro. A dimensão do orifício de entrada não ultrapassa a de um pequeno bago de uva, enquanto a incisão de saída pode ter o tamanho de uma bola de ténis, dependendo do tipo de bala utilizado.

A vítima de sexo masculino, cuja fotografia o inspetor Robert Hunter, da Divisão de Assaltos e Homicídios da Polícia de Los Angeles, observava, tinha morrido instantaneamente. A bala atravessara o crânio de um lado ao outro, lacerando o cerebelo, a par dos lobos temporal e frontal, provocando uma lesão fatal no cérebro em três décimos de milésimo de segundo. Menos de um segundo depois, a vítima jazia no chão sem vida.

Aquele caso não pertencia a Hunter, fora atribuído ao inspetor Terry Radley, da ala dos inspetores principais, mas as fotografias da investigação tinham vindo parar à sua secretaria por engano. Quando ele introduzia de novo a fotografia no dossiê do caso, o telefone da secretaria começou a tocar.

— Inspetor Hunter, Unidade Especial de Homicídios — respondeu ele, meio à espera de que fosse o inspetor Radley à procura do dossiê de fotografias.

Silêncio.

— Estou?

— É o inspetor *Robert Hunter*? — A voz áspera do outro lado era masculina, e o seu tom calmo.

— Sim, fala o inspetor Robert Hunter. Em que posso ajudá-lo?

Hunter ouviu a pessoa a exalar.

— Isso é o que nós vamos descobrir, inspetor.

Hunter franziu o sobrolho.

— Vou precisar do máximo da sua atenção durante os próximos minutos.

Hunter clareou a garganta.

— Desculpe. Não fixei o seu no...

— Cale a boca e ouça, inspetor — interrompeu-o o seu interlocutor. A voz dele mantinha-se calma. — Isto não é uma conversa.

Hunter permaneceu em silêncio. A Polícia de Los Angeles recebia diariamente dezenas, por vezes, centenas, de telefonemas disparatados — bêbedos, toxicodependentes sob o efeito das drogas, membros de gangues a armarem-se em «maus da fita», videntes, pessoas que queriam delatar uma conspiração governamental ou uma invasão de extraterrestres, e até outras que alegavam ter avistado Elvis Presley no snack-bar da zona. Havia, no entanto, algo no tom da voz do autor da chamada, qualquer coisa na sua forma de falar, a dizer a Hunter que seria um erro rejeitar o telefonema, considerando-o um embuste. Ele optou por entrar no jogo, por enquanto.

O parceiro de Hunter, o inspetor Carlos Garcia, estava sentado à secretaria mesmo à sua frente, naquele pequeno gabinete no quinto piso do Edifício Administrativo da Polícia, na baixa de Los Angeles, que ambos partilhavam. Trazia o cabelo castanho, e ligeiramente comprido, preso num rabo de cavalo liso. Garcia lia qualquer coisa no ecrã do computador, alheio à conversa de Hunter. Tinha impelido a cadeira um pouco para trás e entrelaçava os dedos atrás da cabeça, despreocupadamente.

Hunter estalou os dedos para chamar a atenção de Garcia, e apontou para o auscultador junto ao ouvido, fazendo um círculo com o dedo indicador, a dar a entender que precisava que o telefonema fosse gravado e rastreado.

Garcia estendeu imediatamente a mão para o telefone na secretaria e premiu o código interno para contactar as Operações, pondo tudo em andamento em menos de cinco segundos. Fez um sinal a Hunter, que lhe respondeu com um gesto a pedir-lhe que escutasse a conversa. Garcia acedeu à chamada.

— Presumo que terá um computador na sua secretaria, inspetor — continuou o homem do outro lado da linha. — E que ele está ligado à Internet, correto?

— Correto.

Uma pausa desconfortável.

— OK. Quero que introduza o endereço que lhe vou dar na barra de navegação... Está pronto?

Hunter hesitou.

— Acredite em mim. O inspetor vai querer ver isto.

Hunter debruçou-se sobre o teclado e abriu o navegador da Internet. Garcia fez o mesmo.

— OK, estou pronto — declarou Hunter numa voz tranquila.

O homem ditou-lhe um endereço de Internet composto exclusivamente por números e pontos, sem qualquer letra.

Tanto Hunter como Garcia introduziram a sequência nas respetivas barras de navegação e pressionaram a tecla de validação. Ambos os ecrãs tremeluziram por instantes até a página da Internet ser carregada.

Os dois inspetores ficaram imóveis, enquanto um silêncio mórbido se instalava na sala.

O autor da chamada soltou um risinho.

— Parece-me que agora já disponho de toda a sua atenção.

DOIS

O QUARTEL-GENERAL DO FBI OCUPA o número 935 da Pennsylvania Avenue, em Washington DC, a escassos quarteirões da Casa Branca e mesmo em frente à Procuradoria-Geral dos EUA. Além do seu edifício-sede, a agência possui 56 delegações locais distribuídas pelos 50 estados americanos. A maioria destas delegações controla ainda uma série de unidades satélite conhecidas por «agências residentes».

A dependência de Los Angeles, na Wilshire Boulevard, é uma das maiores delegações locais do FBI em todo o território americano, controlando dez agências residentes. E é também um dos poucos que dispõe de uma Divisão de Cibercrime.

A prioridade da Divisão de Cibercrime do FBI assenta na investigação do crime de alta tecnologia, nomeadamente ações de terrorismo executadas através da Internet, intrusão informática, exploração sexual online e fraudes informáticas de grande dimensão. Nos Estados Unidos da América, nos últimos 12 anos, o cibercrime aumentou dez vezes. Dia após dia, o governo dos EUA e as suas redes informáticas são alvo de mais de mil milhões de ataques provenientes de múltiplas fontes em todo o mundo.

Em 2011, um relatório apresentado à Comissão para o Comércio, Ciência e Transportes do senado americano calculava que o cibercrime interno gerava anualmente 800 milhões de dólares em receitas ilícitas, tornando-o o negócio ilegal mais lucrativo dos Estados Unidos da América, ultrapassando o do tráfico de droga.

Milhares de «rastreadores de rede» do FBI, os programas informáticos também conhecidos por «robots» ou «aranhas», pesquisam incessantemente a rede à procura de algo suspeito relativo a qualquer tipo de crime de alta tecnologia, dentro ou fora dos Estados Unidos da América. É um trabalho ciclópico, e o FBI tem a noção de que aquilo que os programas encontram não passa de uma gota de água no oceano do cibercrime. Por cada ameaça localizada, milhares passam despercebidas. E esse foi o motivo pelo qual nenhum

rastreador de rede se deparou com a página da Internet para onde o inspetor Hunter e o seu parceiro estavam a olhar, no Edifício Administrativo da Polícia, naquela manhã de outono do final de setembro.

TRÊS

HUNTER E GARCIA TINHAM OS OLHOS colados ao ecrã dos seus computadores, numa tentativa de decifrar imagens verdadeiramente surreais. Elas mostravam-lhes um grande contentor quadrangular, transparente. Parecia ser feito de vidro, embora pudesse igualmente ser em acrílico ou outro material similar. Hunter calculava que cada lado teria aproximadamente 1,5 metros de largura e pelo menos 1,80 metros de altura. O recipiente tinha uma abertura no topo — sem tampa —, e parecia ser de fabrico caseiro. Perfis metálicos e um selante branco e espesso mantinham as quatro paredes unidas. O aspetto genérico da estrutura lembrava exatamente o de uma cabina de duche reforçada. No interior, dois canos metálicos com cerca de 7,5 cm de diâmetro nasciam do chão e subiam até ao topo. Ao longo dos canos alinhavam-se vários orifícios, cujo diâmetro não ultrapassava o de um lápis vulgar. Duas coisas, no entanto, deixavam Hunter apreensivo. Uma era a de que as imagens pareciam estar a ser transmitidas ao vivo. A outra era aquilo que ele avistava ao centro do contentor, equidistante dos dois canos metálicos.

Amarrado a uma robusta cadeira de metal estava um homem caucasiano, aparentando ter entre 25 e 30 anos. Tinha cabelo castanho-claro cortado curto. A única peça de vestuário que envergava era um par de boxers às risquinhas. Era um homem anafado, com o rosto redondo e bochechudo, e os braços roliços. Suava profusamente e, embora não parecesse ferido, aquilo que transparecia da sua face não dava lugar a qualquer dúvida: era o medo absoluto. De olhos arregalados, ele respirava em arquejos breves através da mordaça que tinha na boca. Pela forma como o seu ventre subia e descia precipitadamente, Hunter apercebeu-se de que ele estava quase a hiperventilar. O homem tremia e olhava à sua volta como um rato confuso e assustado.

As imagens revestiam-se de uma tonalidade verde, o que indicava que a câmara de filmar recorria ao modo e objetiva de visão noturna. Aquele homem, quem quer que fosse, encontrava-se numa sala às escuras.

— Isto é mesmo a sério? — sussurrou Garcia a Hunter, tapando o bocal do seu auscultador.

Hunter encolheu os ombros, sem desviar os olhos do ecrã.

Como se aquela fosse uma deixa, o autor da chamada quebrou o silêncio.

— Caso se questione sobre se isto decorre em direto, inspetor, deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

A câmara deslocou-se para a direita, para uma parede de tijolos indefinida, onde estava instalado um relógio de parede, redondo e vulgar. Marcava 14h57. Hunter e Garcia consultaram os respetivos relógios. Eram 14h57. Nesse momento, a câmara movimentou-se para baixo, visando o jornal colocado junto à base da parede, e fazendo um grande plano da primeira página e da data. Tratava-se de um exemplar do *LA Times* daquela manhã.

— Satisfeito? — O homem riu-se por entre dentes.

A câmara voltou a focar o homem dentro do recipiente. O nariz dele começara a pingar e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— O contentor que está a ver é feito de vidro reforçado, suficientemente forte para resistir a uma bala — explicou o autor da chamada numa voz sinistra. — A porta está munida de um mecanismo de bloqueio muito seguro, com vedação hermética. Só é possível abri-la a partir do exterior. Em resumo, o homem que vê no ecrã está preso lá dentro. Não existe qualquer possibilidade de fuga.

O homem aterrorizado do ecrã olhou diretamente para a câmara. Hunter apressou-se a premir a tecla de captura de ecrã no seu teclado, gravando a imagem integral do ambiente de trabalho na área de transferência do computador. Contava dispor agora de uma imagem identificável da cara do homem.

— Inspetor, a razão que me leva a telefonar-lhe é porque preciso da sua ajuda.

No ecrã, o homem começou a arfar convulsivamente. O corpo dele cobria-se de suores frios. Estava na eminência de ter um ataque de pânico.

— OK, vamos agir com calma — replicou Hunter, assegurando-se de que falava num tom sereno, mas autoritário. — Diga-me como é que posso ajudá-lo.

Silêncio.

Hunter sabia que o homem permanecia em linha.

— Eu faço o que for preciso para ajudá-lo. Diga-me apenas como.

— Bom... — respondeu o autor da chamada. — O inspetor pode decidir como é que ele vai morrer.

QUATRO

HUNTER E GARCIA TROCARAM OLHARES INQUIETOS. Garcia desligou imediatamente a chamada, introduzindo de seguida o código interno para voltar a contactar as Operações.

— Por favor, diga-me que conseguiram localizar este cabrão — proferiu ele assim que a chamada foi atendida do outro lado.

— Ainda não, inspetor — respondeu a mulher. — Precisamos de mais um minuto, pelo menos. Mantenha-o a falar.

— Ele já não quer falar mais.

— Nós estamos a chegar lá, mas precisamos de mais algum tempo.

— Merda! — Garcia abanou a cabeça na direção de Hunter e fez-lhe um sinal a pedir que persuadisse o autor da chamada a falar. Depois de terminar a comunicação, voltou a aceder à chamada de Hunter.

— Fogo ou água, inspetor? — perguntou o autor da chamada.

Hunter franziu o sobrolho.

— Como?

— Fogo ou água? — repetiu o homem num tom divertido. — Os canos no interior do recinto de vidro que vê no ecrã estão preparados para expelir fogo ou inundar o recinto de água.

Hunter sentiu um baque no coração.

— Portanto, a escolha é sua, inspetor Hunter. Prefere vê-lo morrer através do fogo ou da água? Afogamo-lo ou queimamo-lo vivo? — Aquilo não parecia ser uma brincadeira.

Garcia remexeu-se na sua cadeira.

— Espere um momento — retrorquiu Hunter, tentando manter a firmeza na voz. — Não precisa de fazer isso.

— Eu sei que não preciso, mas quero fazê-lo. Vai ser divertido, não lhe parece? — A indiferença na voz do homem era impressionante.

— Vá lá, vá lá — incitou Garcia, entre dentes, com o olhar fixo na fiada de luzes do seu telefone. Ainda não havia nada das Operações.

— Escolha, inspetor — ordenou o homem. — Quero que seja o *senhor* a decidir como ele vai morrer.

Hunter manteve-se calado.

— Aconselho-o a fazer a sua escolha, inspetor, porque a alternativa é muito pior, garanto-lhe.

— Sabe que eu não posso tomar essa decisão...

— ESCOLHA! — gritou o homem do outro lado da linha.

— OK — anuiu Hunter, mantendo a voz calma. — Eu opto por não escolher nenhuma das duas.

— Isso não é uma opção.

— É, sim. Vamos falar sobre isto um minuto.

O autor da chamada soltou uma gargalhada irada.

— Não, não vamos. Acabou o tempo de conversa. Está na hora de decidir, inspetor. Se não escolher uma opção... sou eu quem a vai fazer. Em qualquer dos casos, ele morre.

Uma luz vermelha começou a piscar no telefone de Garcia. Ele alternou rapidamente as chamadas.

— Diga-me que o apanharam.

— Apanhámo-lo, inspetor! — A voz da mulher vibrava de excitação.

— Ele está em... — Ela fez uma pausa momentânea. — O que diabo...?

— O que foi? Onde é que ele está? — insistiu Garcia.

— O que diabo se passa? — Garcia ouviu a mulher dizer, mas percebia que ela não estava a falar com ele. Ele distinguiu ainda uns murmúrios indefinidos vindos do outro lado da linha. Havia um problema qualquer.

— É melhor que me digam o que se passa. — A voz de Garcia elevara-se mais meia oitava.

— Não temos nada, inspetor — respondeu a mulher, finalmente. — Pensámos que o tínhamos localizado em Norwalk, mas o sinal saltou inesperadamente para Temple City, a seguir para El Monte e, neste momento, indica que a chamada é proveniente de Long Beach. O autor da chamada está a redirecionar a chamada a cada cinco segundos. Mesmo que o mantivéssemos uma hora em linha não conseguíramos localizá-lo. — Ela hesitou um momento. — O sinal acaba de se deslocar para Hollywood. Lamento, inspetor. Este indivíduo sabe o que está a fazer.

— Merda! — Garcia voltou a aceder à chamada de Hunter e abanou a cabeça. — O homem está a fazer ressaltar a chamada — segredou ele. — Não conseguimos localizá-lo.

Hunter semicerrou os olhos.

— Porque está a fazer isto? — perguntou ele ao seu interlocutor.

— Porque quero — retorquiu o homem. — Dispõe de três segundos para fazer a sua escolha, inspetor Hunter. Fogo ou água? Se for preciso, atire uma moeda ao ar. Pergunte ao seu parceiro. Eu sei que ele está a ouvir.

Garcia não proferiu palavra.

— Espere — pediu Hunter. — Como posso eu fazer uma escolha se nem sequer sei quem é esse homem, ou porque o mantém preso naquele tanque. Vá lá, fale comigo. Explique-me o que está aqui em causa.

O homem riu-se outra vez.

— Isso é algo que vai ter de descobrir por si mesmo. Dois segundos.

— Não faça isso. Nós podemos ajudar-nos mutuamente.

Os olhos de Garcia já tinham deixado o ecrã do computador, fixando-se em Hunter nesse momento

— Um segundo, inspetor.

— Vamos, fale comigo — pediu Hunter de novo. — Vamos resolver isto. Podemos chegar a uma solução melhor para o que quer que seja.

Garcia susteve a respiração.

— A solução vai ser o fogo ou a água, inspetor. Seja como for, o tempo chegou ao fim. Então, o que vai ser?

— Olhe, tem de haver outra maneira de nós podermos...

TOC, TOC, TOC.

O som eclodiu tão ruidosamente nos telefones de Hunter e Garcia que ambos lançaram bruscamente a cabeça para trás, como se tivessem sido esbofeteados. Parecia que o autor da chamada tinha batido três vezes com o auscultador numa superfície de madeira para chamar a sua atenção.

— Parece que não está a ouvir-me, inspetor Hunter. A nossa conversa terminou. A partir de agora, a única palavra que eu quero ouvir da sua parte é *fogo ou água*. Apenas isso.

Hunter não disse nada.

— Como queira. Se não escolhe, eu faço-o por si. E eu escolho o fo...

— Água — disse Hunter numa voz firme. — Eu opto pela água.

O homem fez uma pausa e riu-se baixinho num tom divertido.

— Sabe uma coisa, inspetor? Eu sabia que ia escolher a água.

Hunter manteve-se calado.

— Na verdade, isso era óbvio. Ao considerar-se as opções de que dispunha, a morte por afogamento parecia menos horrível, mais humana, menos dolorosa e mais rápida do que ser queimado vivo, não é? Mas o inspetor já viu alguém a afogar-se?

Silêncio.

— Alguma vez viu a expressão de desespero nos olhos de uma pessoa enquanto sustém a respiração o máximo que lhe é possível, sabendo que a morte a ronda de perto e não tarda a chegar?

Hunter passou a mão pelo seu cabelo curto.

— Alguma vez reparou como um homem que está a afogar-se olha freneticamente à sua volta, confuso, procurando um milagre que simplesmente não está ali? Um milagre que nunca irá chegar?

Ainda o silêncio.

— Já viu a maneira como o corpo se convulsiona, como se estivesse a ser electrocutado, quando a pessoa perde finalmente toda a esperança e engole a primeira golfada de água? A maneira como os seus olhos quase saltam do crânio no momento em que a água lhe chega aos pulmões e começa lentamente a sufocar? — O autor da chamada respirou profundamente, de forma deliberada. — Sabia que é impossível mantermos os olhos fechados quando estamos a afogar-nos? É uma reação motriz automática, desencadeada pelo défice de oxigénio no cérebro.

Garcia voltou a centrar o olhar no ecrã.

O autor da chamada riu-se outra vez. Desta vez, era um risinho descontraído.

— Continue a observar, inspetor. Este espetáculo prepara-se para melhorar substancialmente.

A chamada foi desligada.

CINCO

DE SÚBITO, A UMA VELOCIDADE INCRÍVEL, a água começou a sair em jato dos orifícios de ambos os canos no interior do recinto de vidro. O homem amarrado à cadeira foi apanhado de surpresa, e o medo fez com que o seu corpo se contorcesse com violência. Os olhos dele abriam-se, desmesurados, à medida que tomava consciência do que estava a acontecer. Apesar da mordaça na boca, começou a gritar freneticamente, mas Hunter e Garcia não conseguiam captar qualquer som do outro lado da linha.

— Oh, meu Deus — proferiu Garcia, aproximando a mão crispada em punho da sua boca. — Ele não está a brincar connosco. Ele vai mesmo fazê-lo. Ele vai afogar o gajo, raios partam!

O homem esperneava e contorcia-se selvaticamente no interior do contentor, mas as amarras não cediam um milímetro. Ele não conseguia libertar-se, apesar de todos os esforços. A cadeira estava solidamente aparafusada ao chão.

— Isto é uma loucura — desabafou Garcia.

Hunter permanecia imóvel, sem pestanejar, com o olhar fixo no ecrã do computador. Tinha a noção de que não havia absolutamente nada que eles pudessem fazer a partir do seu gabinete; a não ser talvez recolher provas.

— Existe alguma forma de isto ser gravado? — inquiriu ele.

Garcia encolheu os ombros.

— Não sei. Acho que não.

Hunter voltou a pegar no telefone e acedeu à central telefónica da polícia de Los Angeles.

— Passe-me ao responsável da Unidade de Crimes Informáticos, *agora*. É urgente.

Dois segundos depois ouviu o toque do telefone. Quatro segundos mais tarde, a chamada era atendida por uma voz de barítono.

— Dennis Baxter, Unidade de Crimes Informáticos da polícia de Los Angeles.

— Dennis, fala o inspetor Robert Hunter, da Unidade Especial de Homicídios.

— Viva, inspetor, em que posso ajudá-lo?

— Existe alguma forma de gravar a transmissão em direto de uma webcam, que eu estou a ver no meu computador, neste preciso momento?

Baxter deu uma gargalhada.

— Ena, ela é assim tão excitante?

— É possível ou não, Dennis?

O tom de Hunter levou o tom jocoso a eclipsar-se da voz de Baxter.

— Não, a menos que tenha algum tipo de programa de gravação de ecrã instalado no seu computador — disse ele.

— Será que eu disponho de algum?

— Num computador de um gabinete da polícia de Los Angeles? Isso não faz parte das normas. Pode fazer uma requisição e o departamento de informática instala-o dentro de um ou dois dias.

— Não serve. Preciso de capturar aquilo que está no meu ecrã neste preciso momento.

Uma pausa de uma fração de segundo.

— Bom, eu posso fazê-lo a partir daqui — propôs Baxter. — Se está a assistir a alguma coisa ao vivo na Internet, basta que me forneça o endereço da página. Eu accedo ao mesmo sítio da Internet e faço-lhe a gravação. O que lhe parece?

— Parece-me bem. Vamos tentar. — Hunter forneceu a Baxter a sequência numérica que o autor da chamada lhe tinha dado minutos antes.

— Um endereço IP? — inquiriu Baxter.

— Precisamente. Eles podem ser localizados?

— Sim. Na realidade, esse é o seu objetivo principal. Funcionam quase como uma chapa de matrícula para cada computador ligado à rede. Com isto, eu posso dar-lhe facilmente a localização exata do computador de origem.

Hunter franziu o sobrolho. O autor da chamada iria cometer um erro tão idiota?

— Quer que eu inicie um rastreamento? — perguntou Baxter.

— Sim.

— OK. Eu contacto-o assim que obtiver alguma coisa — garantiu ele, e desligou.

A água já estava à altura da cintura do homem. Àquela velocidade, Hunter estimava que ele ficaria totalmente submerso dentro de um minuto e meio, talvez dois.

— As Operações disseram que era impossível localizar a chamada? — perguntou ele a Garcia.

— Exatamente. Ele estava a fazer ressaltar o sinal por toda a cidade.

A água acabava de chegar ao abdómen do homem. Ele ainda continuava a contorcer-se para tentar libertar-se, mas perdia gradualmente as forças. Neste momento, o homem ainda tremia mais. Uma combinação entre o medo incontrolável e a temperatura da água, calculava Hunter.

Não havia nada que ele ou Garcia pudessem dizer, pelo que os dois ficaram envolvidos num silêncio arrepiante, a ver a morte a elevar-se palmo a palmo em volta do homem no ecrã dos seus computadores.

O telefone na secretaria de Hunter voltou a tocar.

— Inspetor, isto é mesmo a sério? — inquiriu Dennis Baxter.

— Neste momento, não tenho motivos para achar que não é. Está a capturar as imagens?

— Sim, estou a fazer a gravação.

— Alguma novidade em relação ao rastreamento?

— Por enquanto, não. Pode demorar alguns minutos.

— Ligue-me assim que conseguir alguma coisa.

— Combinado.

A água atingia agora o peito do homem, e a câmara captou lentamente um grande plano do rosto dele. O homem soluçava. A esperança tinha-se dissipado do seu olhar. Ele estava a desistir.

— Acho que não consigo assistir a isto — afirmou Garcia, saindo da secretaria e começando a circular pela sala.

A água dava agora pelos ombros do homem. Dentro de um minuto ultrapassaria o nível do nariz e a morte surgiria no fôlego seguinte. Ele fechou os olhos e aguardou. Já tinha deixado de tentar libertar-se.

A água chegou à parte inferior do seu queixo e depois, sem qualquer aviso prévio, parou. Dos canos não saiu nem mais uma gota.

— Que raio?! — Hunter e Garcia entreolharam-se por um momento, e depois voltaram a olhar para o ecrã. A surpresa estava gravada no rosto de ambos.

— Isto é a porra de uma brincadeira de mau gosto — declarou Garcia, aproximando-se de Hunter. No rosto dele havia um sorriso nervoso. — É um maluco qualquer a meter-se connosco.

Hunter não tinha tanta certeza.

Nesse exato momento, o telefone na sua secretaria tocou mais uma vez.

SEIS

O SOM DO TELEFONE A tocar rompeu o silêncio como um raio a rasgar um céu noturno.

— É muito esperto, inspetor Hunter — observou o autor da chamada.

Hunter apressou-se a fazer um novo sinal a Garcia e, segundos depois, a chamada estava outra vez a ser gravada.

— Quase me levava à certa — acrescentou o homem. — Achei esse seu cuidado pela vítima algo enternecedor. Assim que concluiu que não tinha qualquer hipótese de a salvar, optou pela morte menos sádica e dolorosa, e também a mais rápida, entre as duas escolhas que lhe propus. Mas essa é apenas uma parte da história, certo?

Garcia fez um ar perplexo. Hunter não disse nada.

— Eu descortinei o motivo oculto por trás da sua escolha, inspetor.

Não houve resposta.

— Percebeu que eu estava prestes a escolher o fogo, e apressou-se a interromper-me e a escolher a água. — Uma gargalhada assertiva. — A água ter-lhe-ia dado alguma esperança, não é?

— Esperança? — Garcia articulou a palavra em silêncio, dirigindo a Hunter uma expressão perplexa.

— A esperança de que quando, e se, o corpo fosse encontrado, talvez o vossa... — o homem assumiu uma voz apatetada — *laboratório forense superavançado e altamente tecnológico* conseguisse descobrir alguma coisa. Talvez na pele dele ou no cabelo, ou vestígios de qualquer coisa sob as unhas ou dentro da boca. Sabe-se lá as pistas microscópicas que eu poderia ter deixado ficar, não é verdade, inspetor Hunter? Já o fogo destruiria isso tudo. Deixaria o corpo totalmente carbonizado e tudo o mais que ele contivesse. Não haveria qualquer pista, microscópica ou outra.

Garcia não tinha pensado nisso.

— No entanto, se ele se afogar, o corpo fica intacto — continuou o autor da chamada. — A morte é causada pela asfixia... a pele, o cabelo, as unhas...

nada é destruído. — Ele fez uma pausa, a recuperar o fôlego. — Haveria uma miríade de coisas passíveis de serem detetadas. Até a água nos pulmões dele podia fornecer-vos algum tipo de pista. Foi por isso que escolheu a água, não foi, inspetor? Se não conseguia salvá-lo, faria a segunda coisa melhor. — O homem ao telefone soltou uma gargalhada exultante. — Sempre a raciocinar como um inspetor. Ah, você não tem piada nenhuma.

Hunter dirigiu a si próprio um leve abanar de cabeça reprovador.

— A sua impressão inicial estava correta. A minha preocupação era o sofrimento da vítima — disse ele.

— Pois sim. No entanto... só para o caso de eu ter acertado, sabe uma coisa? Eu já estava preparado para isso.

O homem no ecrã tinha voltado a abrir os olhos. Continuava a tremer. Apesar da escuridão, olhava em seu redor, a aguardar... a escutar.

Nada. Nem um som. A água tinha parado.

Por trás da mordaça, a boca dele retorceu-se num sorriso ténue. Uma centelha de esperança voltava a surgir-lhe nos olhos, como se tudo não passasse de um pesadelo... uma partida estúpida. O homem engoliu em seco, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, como a agradecer a Deus. As lágrimas conseguiram passar através das pálpebras fechadas e jorraram-lhe pelo rosto.

— Continue a ver, inspetor. — Na voz do autor da chamada havia um tom altivo. — Porque está prestes a assistir ao melhor de todos os Cirque du Soleil. — A chamada foi cortada.

No ecrã, o nível da água começou a baixar.

— Ele está a esvaziar o contentor — salientou Garcia.

Hunter assentiu com a cabeça.

A água escoava-se rapidamente. Numa questão de segundos o seu nível situava-se de novo abaixo do peito do homem.

Nesse momento, a água imobilizou-se.

— O que diabo aconteceu agora? — inquiriu Garcia, erguendo as mãos com as palmas viradas para cima.

Hunter abanou a cabeça. Toda a sua atenção estava focada no ecrã.

A câmara reduziu o zoom, apenas ao de leve e, de súbito, a parte imersa dos canos reativou-se bruscamente. Como num banho de jacuzzi, os jatos submersos levavam a água a ondular, injetando mais líquido no recipiente. Mas havia algo diferente desta vez. À medida que o líquido incolor saía dos tubos e se misturava à água, produzia um efeito estranho, como se fosse mais denso do que o que já existia no contentor.

Hunter inclinou-se para a frente, aproximando mais a cara do monitor.

— Aquilo não é água — afirmou ele.

— O quê? — proferiu Garcia, colocando-se imediatamente atrás do seu parceiro. — O que queres dizer com isso?

— Tem uma densidade diferente — referiu Hunter, apontando para o ecrã. — Seja o que for que ele está a bombear para dentro do tanque, não se trata de água, desta vez.

— Então, o que raio é?

Nesse momento, qualquer coisa começou a piscar no canto superior direito da imagem. Quatro letras entre parêntesis. A primeira, a terceira e a quarta eram maiúsculas.

[NaOH].

— É uma fórmula química? — perguntou Garcia, apontando para lá.

— Sim. — Hunter exalou profundamente.

— De quê? — Garcia precipitou-se para o seu computador e abriu um novo separador no navegador da Internet.

— Não é preciso procurares, Carlos — disse Hunter com ar sombrio.

— Aquela é a fórmula química do hidróxido de sódio... da soda cáustica.

SETE

GARCIA SENTIU UM NÓ NA GARGANTA. Alguns anos antes, quando era ainda um agente fardado da Polícia de Los Angeles, fora chamado a intervir num caso de violência doméstica em que um namorado ciumento tinha atirado meio litro de soda cáustica à cara da namorada. Embora o homem tivesse fugido do local do crime, acabara por ser detido cinco dias mais tarde. Garcia ainda se lembrava de ajudar os paramédicos a prender a rapariga com correias à maca. O rosto dela resumia-se a uma amálgama de carne viva e pele queimada. Os lábios pareciam ter-se fundido nos dentes. A orelha direita e o nariz tinham-se desintegrado por completo, e o efeito cáustico da solução abrira buracos num dos globos oculares.

Garcia ergueu os olhos do computador para fitar Hunter.

— Não pode ser. Tens a certeza?

Hunter acenou afirmativamente.

— Tenho a certeza.

— Filho da puta.

O telefone na secretaria de Hunter tocou novamente. Era Dennis Baxter, da Unidade de Crimes Informáticos.

— Inspetor — disse ele com a voz ansiosa —, o NaOH é soda cáustica. Hidróxido de sódio.

— Sim, eu sei.

— Que merda... Aquela substância é altamente corrosiva. Muitas vezes pior que o ácido. Se alguém está a lançar hidróxido de sódio naquela quantidade de água, a solução vai ficar bastante diluída e pouco forte para já, mas em breve... — Ele calou-se.

— Ela vai transformar tudo aquilo num banho alcalino — disse Hunter, rematando a frase que Baxter não conseguia terminar.

— Precisamente. E sabe o que isso irá *fazer*?

— Sim, eu sei.

— Santo Deus, inspetor. O que está a acontecer?

— Não sei exatamente. Consegiu rastrear a transmissão?

— Sim. Tem origem em Taiwan.

— O quê?

— Isso mesmo. Seja quem for que está por detrás disto... sabe o que faz.

Trata-se de um endereço IP sequestrado ou que ele roubou de um conjunto de servidores de Taiwan. Em resumo... é impossível localizar a origem.

Hunter pousou o auscultador.

— Também não conseguimos apanhá-lo através da transmissão pela Internet — disse ele a Garcia.

— Merda. Que grande trapalhada, pá.

O homem no ecrã começava a tremer outra vez. No entanto, agora, Hunter sabia que o motivo para isso não era o frio ou o medo. Era uma dor excruciante. A solução estava a ficar mais forte e começava a corroer-lhe a pele. A boca dele abria-se desmesuradamente para soltar um grito de agonia que nem Hunter nem Garcia conseguiam ouvir. No seu íntimo, ambos os inspetores estavam aliviados por não lhes chegar qualquer som.

À medida que a soda cáustica adicionada à mistura aumentava, a água adquiria uma leve tonalidade leitosa e opaca.

O homem fechou os olhos e começou a abanar a cabeça violentamente, para um lado e para o outro, como se sofresse um ataque apoplético. O banho alcalino começava a raspar-lhe a pele como uma lixadora elétrica. Bastaram uns escassos segundos para os primeiros fragmentos de pele serem arrancados do seu corpo.

Hunter esfregou a cara com as mãos. Nunca se tinha sentido tão impotente.

Enquanto a quantidade de pele a flutuar em redor do tanque era cada vez maior, a água começava a mudar de cor novamente. Agora, estava a ficar rosada. O corpo inteiro do homem sangrava.

A câmara fez um grande plano de qualquer coisa a flutuar no interior do contentor.

— O que é aquilo? — indagou Garcia, de rosto franzido.

Hunter mordiscou o lábio inferior.

— É uma unha. O corpo dele está a dissolver-se.

A câmara mostrou outra unha em grande plano, e outra a seguir. A solução já tinha desfeito as cutículas e a maior parte da base das unhas das mãos e dos pés.

A água mostrava-se cada vez mais ensanguentada, tornando impossível vislumbrar alguma coisa no interior. O rosto do homem, porém, ainda se mantinha acima da linha de água.

A vítima perdera o controlo do corpo, o qual tremia incessantemente nesse momento, guiado apenas pela dor. Os olhos dele reviravam-se, enquanto a boca se contorcia num esgar atroz. Os dentes batiam incontrolavelmente uns nos outros, e ele sangrava das gengivas, e também do nariz e ouvidos.

A água começava a ferver.

O homem teve a derradeira convulsão. O peito dele impulsionou-se para a frente com tanta violência, que parecia haver alguma coisa no interior a tentar explodir do corpo. O queixo descaiu-lhe sobre o peito, submergindo o rosto na mistura de água sangrenta e hidróxido de sódio.

Não houve mais nenhum movimento.

A câmara reduziu o zoom, descrevendo uma panorâmica sobre o contentor de vidro.

Não ocorria a Hunter e Garcia nada que eles pudessem dizer. Do mesmo modo, não conseguiam desviar o seu olhar dali.

Segundos depois, uma mensagem cintilava nos ecrãs.

ESPERO QUE O ESPETÁCULO LHE TENHA AGRADADO.

OITO

A CAPITÃO DA DIVISÃO DE ASSALTOS E HOMICÍDIOS da Polícia de Los Angeles, Barbara Blake, não era uma pessoa que se deixasse intimidar facilmente e, depois de tantos anos na polícia, havia pouca coisa que a chocava. No entanto, naquela manhã, ela estava sentada no seu gabinete no quinto piso do edifício-sede da polícia, envolta num silêncio absoluto e com uma expressão incrédula no rosto. O gabinete era bastante espaçoso. A parede sul estava preenchida por prateleiras repletas de livros. A parede virada a norte apresentava uma parafernália de fotografias, condecorações e prémios de mérito. Na parede leste, uma janela panorâmica do chão ao teto tinha vista para a South Main Street. Duas cadeiras de cabedal de aspeto confortável posicionavam-se defronte à secretária, mas nenhuma das três restantes pessoas presentes no gabinete as ocupava.

Hunter, Garcia e Dennis Baxter estavam de pé, atrás da secretária da capitão Blake, com o olhar fixo no monitor do computador dela, acompanhando as imagens captadas por Baxter na Internet há minutos. A Divisão de Operações já tinha enviado a Hunter uma cópia da gravação da conversa telefónica entre ele e o desconhecido.

Barbara ouviu a gravação e visionou a sequência de imagens sem proferir uma palavra. No final, ela ergueu os olhos para Hunter e Garcia, com o rosto mais pálido que momentos antes.

— Isto aconteceu realmente?

O seu olhar atónito pousou bruscamente em Baxter, um homem corpulento, sem pingos de músculo. Com a idade a rondar os 40 anos, tinha cabelo louro encaracolado, um rosto rechonchudo que a papada tornava mais pesado, e um bigode fino que mais parecia uma camada de penugem.

— Por outras palavras — continuou ela —, eu tenho a noção de que as tecnologias atuais de computação gráfica podem dar um ar verídico a qualquer coisa. Podemos ter a certeza de que tudo isto não passa de algo manipulado através do vídeo e recursos digitais?

Baxter encolheu os ombros.

— Bom, você é o responsável pela Unidade de Crimes Informáticos. — O tom de voz da capitão endureceu. — O que acha disso?

Baxter inclinou a cabeça para o lado.

— Capturei estas imagens há poucos momentos, depois de receber o contacto do inspetor Hunter. Ainda não dispus de tempo para as analisar, no entanto, à primeira vista e de uma forma instintiva, elas parecem-me reais.

A capitão passou a mão pelo longo cabelo negro-azeviche, antes de deixar o seu olhar focar-se em Hunter e Garcia de novo.

— Demasiado complexo e arrojado para ser apenas um embuste — observou Hunter. — As Operações foram incapazes de localizar a chamada. O homem fazia-a ressaltar pela cidade de cinco em cinco segundos. — Ele apontou para Baxter. — O Dennis disse que a transmissão pela Internet era proveniente de Taiwan.

— Como? — A capitão Blake voltou a olhar para Baxter.

— É verdade. Aquilo de que nós dispúnhamos era um endereço IP, que é um número de identificação único dado a cada computador na Internet. Ele permite-nos localizar o computador anfitrião sem qualquer dificuldade. O endereço IP utilizado estava ligado a um servidor em Taiwan.

— Como é que isso pode ser?

— É fácil. A Internet leva o mundo a funcionar como um mercado global. Por exemplo, se pretender criar um sítio na Internet, não existe nenhuma lei que lhe diga que tem de o alojar nos Estados Unidos da América. Pode pesquisar a rede para encontrar a solução mais vantajosa e instalar a sua página num servidor em qualquer ponto do planeta, na Rússia, no Vietname, em Taiwan, no Afeganistão... é perfeitamente indiferente. Todos vão poder aceder-lhe de igual modo.

A capitão Blake refletiu um momento sobre a questão.

— Não existem relações diplomáticas — referiu ela. — Além de os Estados Unidos da América não disporem de jurisdição, uma abordagem diplomática, como contactar a empresa de servidores a pedir a sua ajuda, por exemplo, não iria resultar.

— Precisamente. Ele pode ainda ter sequestrado o endereço IP — acrescentou Baxter. — É o mesmo que roubar as chapas de matrícula de um carro e colocá-las no nosso carro para evitar sermos apanhados.

— Isso pode ser feito? — insistiu a capitão Blake.

— Se ele for suficientemente bom, claro que sim.

— Nesse caso, não temos nada?

Baxter abanou a cabeça.

— Embora eu deva reconhecer que nós estamos limitados em relação ao que podemos fazer na Unidade de Crimes Informáticos. — O homem empurrou os óculos de armação de metal mais para o cimo do seu nariz abatatado. — As nossas investigações costumam restringir-se a crimes praticados com o recurso a informação armazenada em computadores, ou à sabotagem de dados informáticos. Dito de outro modo, à pirataria de bases de dados e informação, desde os computadores privados a escolas, bancos e empresas. O caso presente não se enquadraria naquilo com que lidamos normalmente, de facto.

— Fantástico — proferiu a capitão, pouco impressionada.

— A Divisão de Cibercrime do FBI, por outro lado — continuou Baxter —, é uma unidade muito mais abrangente. Eles lidam com todo o tipo de crimes cibernéticos. Estão inclusivamente dotados da capacidade e equipamentos necessários para interromper qualquer transmissão pela Internet a partir do seu gabinete.

A capitão Blake fez uma careta.

— Nesse caso, está a sugerir que envolvemos o FBI nisto?

Não era segredo nenhum o facto de o FBI e qualquer corpo de polícia de qualquer estado norte-americano não terem a melhor das relações, independentemente do que os políticos ou os responsáveis superiores diziam.

— Na verdade, não — retorquiu Baxter. — Estava meramente a constatar um facto. Neste momento não existe nada que o FBI possa fazer. A transmissão acabou. O sítio está inativo. Deixe-me mostrar-lhe. — Ele apontava para o computador na secretaria. — Permite-me?

— Esteja à vontade. — A capitão Blake afastou a sua cadeira um pouco para trás.

Baxter inclinou-se sobre o teclado da capitão, introduziu o endereço IP na barra de endereços do navegador da Internet e clicou na tecla de validação. Bastaram poucos segundos para uma página da Internet ser carregada: ERRO 404 — PÁGINA NÃO ENCONTRADA.

— O sítio deixou de existir — indicou Baxter. — Já implementei um pequeno programa que testa este endereço a cada dez segundos. Se voltar a surgir alguma coisa, nós vamos saber. — Ele arqueou o sobrolho. — Porém, se isso acontecer, devia ponderar em estabelecer, pelo menos, o contacto com a Divisão do Cibercrime do FBI, em Los Angeles.

A capitão Blake dirigiu-lhe um olhar furioso e, a seguir, fitou Hunter, que não disse nada.

— A responsável pelo serviço em Los Angeles, Michelle Kelly, é uma grande amiga minha. A Michelle não é um agente do FBI típico. Acredite que, no que diz respeito ao ciberespaço, é a ela quem cabe a última palavra. O FBI dispõe de melhores condições que a polícia de Los Angeles para localizar este género de criminosos informáticos. Na Unidade de Crimes Informáticos estamos em permanente contacto com eles. Não se trata de agentes de campo pretensiosos, com fatos de executivo, óculos escuros e auriculares. Eles são os cromos dos computadores. — Baxter sorriu.

— Assim como eu.

— A minha sugestão é deixarmos essa questão para quando o momento chegar — disse Hunter, olhando para Baxter. — Tal como disse, não existe coisa alguma que eles possam fazer agora, e não temos nada que nos diga que este é um caso federal, pelo que não vejo necessidade de envolvermos o FBI nisto. Nesta fase tão prematura, isso só ia complicar as coisas.

— Concordo — disse a capitão Blake. — Numa fase mais avançada, se se considerar útil estabelecer o contacto com eles, fá-lo-emos, mas, por enquanto, o FBI fica de fora. — Ela voltou a dirigir-se a Baxter. — Há possibilidade de esta transmissão ter sido visualizada por mais alguém, como o público em geral?

— Em teoria, sim — afirmou Baxter. — Não se tratava de uma transmissão segura, o que significa que se podia aceder à página sem uma palavra-chave. Se outra pessoa qualquer se deparasse por acidente com aquela transmissão pela Internet, então sim, poderia visualizá-la, tal como nós. Mas devo acrescentar que isso é muito improvável.

A capitão Blake aquiesceu e virou-se novamente para Hunter.

— OK, portanto, vamos ter de assumir que tudo isto é real. A minha primeira pergunta é: porquê o Robert? O telefonema foi ter diretamente à sua secretaria. Quando atendeu, ele mencionou o seu nome.

— Tenho estado a perguntar isso a mim próprio, e de momento aquilo que posso responder é que não sei — replicou Hunter. — Existem basicamente duas maneiras para uma chamada do exterior ir parar à secretaria de um inspetor. Ou a pessoa marca o número da Divisão de Assaltos e Homicídios e adiciona o número específico da extensão quando isso lhe é pedido, ou liga para a central telefónica e pede para a chamada ser passada a determinado inspetor.

— E?

— O telefonema não passou pela central telefónica. O autor da chamada marcou diretamente a minha extensão.

— Nesse caso, a minha pergunta mantém-se — insistiu a capitão.
— Porquê o Robert? E como é que o homem obteve a sua extensão?

— Ele pode ter arranjado um dos meus cartões de visita algures — sugeriu Hunter.

— Ou pode ter ligado para a central telefónica da Divisão numa altura anterior à chamada em questão e limitou-se a perguntar o número da extensão — sugeriu Garcia. — Com os diabos, eu não me surpreendia se ele tivesse pirateado o nosso sistema e obtido uma lista com o nome dos inspetores. O homem fazia ressaltar o sinal da chamada por todo o lado como um profissional e dispunha de uma barreira de proteção suficientemente forte para impedir a Unidade de Crimes Informáticos de o apanhar. Calculo que ele conhecerá bem o ciberespaço.

— Só posso concordar — reconheceu Baxter.

— Então, está a admitir que ele podia ter escolhido o nome do Robert ao acaso de uma lista dos inspetores da Divisão de Assaltos e Homicídios? — inquiriu a capitão Blake.

Baxter encolheu os ombros.

— É uma hipótese.

— É uma estranha coincidência, não lhe parece? — observou a capitão.

— Isto, se partirmos de princípio que um caso UV como este iria passar diretamente para o Robert, de qualquer maneira.

Hunter fazia parte de uma área especializada da Divisão de Roubos e Homicídios. A Unidade Especial de Homicídios tinha sido criada para lidar unicamente com casos de assassinatos em série, alta criminalidade e homicídios que requeriam um tempo de investigação e perícia exaustivos. Contudo, a Hunter estava atribuída uma função ainda mais especializada. Devido à sua formação em psicologia do comportamento criminal, era a ele que competia tratar de casos em que o perpetrador tivesse usado formas de sadismo e brutalidade extremas. O departamento designava esses casos como UV — *Ultraviolentos*.

— Talvez não se trate de uma coincidência — disse Baxter, intervindo de novo. — Talvez ele *quisesse* o Robert neste caso, e essa era a maneira de garantir que isso iria acontecer.

A capitão Blake abriu um pouco mais os olhos, à espera de que Baxter prosseguisse. Ele assim fez.

— O nome do Robert já foi mencionado muitas vezes na televisão e nos jornais. Ele tem sido responsável pela maior parte dos casos de alta criminalidade do departamento nos últimos... não sei quantos anos, e é habitual ele apanhar o indivíduo.

Barbara reconhecia que isso era verdade. O nome de Hunter tinha sido referido na imprensa poucos meses antes, na altura em que ele e Garcia tinham concluído a investigação a um assassino em série, a quem a comunicação social pusera a alcunha de O Escultor.

— Talvez o autor da chamada escolhesse o Robert devido à sua reputação — alvitrou Baxter. — Se calhar, ele leu o nome dele no *LA Times* ou viu-o no noticiário da noite. — Baxter apontou para o ecrã do computador da capitão. — Viu as imagens; ouviu o telefonema, certo? Este tipo é arrogante e provocador. E ousado. Manteve-se ao telefone durante aquele tempo todo porque sabia que nós não conseguíamos rastrear-lhe a chamada. Tal como sabia que nós não poderíamos localizar a sua transmissão pela Internet. — Ele fez uma pausa para friccionar o nariz. — O homem obrigou o Robert a escolher o modo como a vítima ia morrer, santo Deus! E, a seguir, veio com aquela reviravolta inesperada. Parecia que estava a fazer um jogo. E não pretendia fazê-lo contra um inspetor qualquer. O homem procurava um desafio. Ele queria aquele de quem os jornais falam.

Barbara meditou no assunto uns momentos.

— Fantástico — observou ela. — Era mesmo disto que nós precisávamos. Um novo psicopata a jogar ao *apanha-me se puder*.

— Não — contrapôs Hunter. — Ele está a jogar ao *apanha-me antes que eu volte a matar*.

NOVE

O GABINETE DE HUNTER E GARCIA era um cubículo de 22 metros quadrados em cimento, situado no extremo mais remoto do piso da Divisão de Assaltos e Homicídios. Ali, embora pouco mais houvesse que duas secretárias, três arquivadores metálicos antiquados e um grande quadro magnético branco, que tinha ainda a função de suporte para a exposição das fotografias da investigação em curso, o ambiente tornava-se claustrofóbico.

De regresso às suas secretárias, os dois inspetores viram as imagens da Internet e ouviram a gravação da conversa telefónica vezes sem conta. Baxter tinha fornecido a Hunter e Garcia uma aplicação informática que lhes permitia fazer a reprodução fotograma a fotograma. E era precisamente a isso que eles tinham dedicado as últimas quatro horas e meia, analisando cada palmo dos fotogramas, à procura de alguma coisa que lhes fornecesse qualquer tipo de pista por mínima que fosse.

Os planos da câmara incidiam prioritariamente sobre o contentor de vidro e o homem no seu interior. De vez em quando captava uma imagem ampliada do rosto da vítima ou de algo a flutuar na água manchada de sangue. A câmara tinha-se desviado desse padrão apenas uma vez, ao deslocar-se para a direita a fim de mostrar o relógio na parede e o exemplar do *LA Times* desse dia.

A parede era de tijolo vermelho e argamassa. Podia localizar-se em qualquer lado, desde uma cave a um barracão nas traseiras, à sala de uma casa ou mesmo uma pequena garagem num qualquer lugar abandonado.

O relógio pendurado na parede era um modelo redondo, a pilhas, com cerca de 33 centímetros de diâmetro e o aro preto. O mostrador proporcionava uma leitura fácil, com o fundo branco e algarismos árabes, ponteiros das horas e minutos pretos, e o ponteiro dos segundos vermelho. A parte da frente não mostrava o nome do fabricante. Hunter enviou um instantâneo do relógio à sua equipa de investigação, mas sabia que as hipóteses de eles

o relacionarem com uma loja específica, tendo em vista a posterior identificação do comprador, eram praticamente inexistentes.

O chão não apresentava nada que o diferenciasse e era em cimento. Mais uma vez, podia localizar-se em qualquer sítio.

A imagem que Hunter captara do seu ambiente de trabalho tinha ficado perfeita. O homem sentado no interior do contentor de vidro olhava diretamente para a câmara. Hunter já fizera seguir a imagem para a Unidade de Pessoas Desaparecidas por correio eletrónico. O agente com quem ele falaria ao telefone tinha-lhe dito que a mordaça firmemente atada em volta da boca da vítima só permitia ao programa de reconhecimento facial analisar um número limitado de pontos de comparação do rosto. Se alguém tivesse realmente participado o desaparecimento do homem, haveria elementos suficientes para estabelecer uma correspondência, mas era necessário esperar para ver. Hunter pediu ao agente que pesquisasse apenas os registos feitos a partir de uma semana atrás. A sua intuição dizia-lhe que o autor da chamada não tinha raptado e mantido a vítima sequestrada mais de um ou dois dias antes de a lançar para dentro do tanque de vidro. As vítimas que permanecem em cativeiro mais de 48 horas exibem invariavelmente os resultados disso, com a cara e os olhos abatidos devido à falta de sono, ou o olhar mortiço por terem sido drogadas. A higiene pessoal também era fortemente afetada, e havia sempre os sinais inevitáveis da malnutrição. A vítima no interior do tanque não apresentava qualquer vestígio disso.

— Não existe nada aqui — concluiu Garcia, recostando-se na cadeira e friccionando os olhos cansados. — Não havia mais nada naquela sala, à exceção do tanque de água, da vítima, do relógio, do jornal e da câmara de filmar que registou a cena toda. Este tipo não é estúpido, Robert. Ele sabia que íamos gravar as imagens e passá-las a pente fino.

Hunter expirou o ar com força, para depois friccionar também os seus olhos extenuados.

— Eu sei.

— Naquilo que me diz respeito, eu já vi o suficiente. — Garcia levantou-se e aproximou-se da pequena janela que ficava na parede oeste. — O olhar desesperado e suplicante nos olhos da vítima... — Ele abanou a cabeça. — De cada vez que o vejo, consigo sentir o terror por que ele passou a trepar-me pelo corpo como uma centopeia enfurecida. E não há mais nada que eu possa fazer senãovê-lo a morrer outra vez, e outra vez, e outra vez ainda. Isto está a dar-me cabo da cabeça.

Hunter estava igualmente saturado de ver as imagens. Aquilo que realmente lhe provocava convulsões no estômago era ver como o rosto do homem se iluminava de esperança assim que ele via que a água tinha parado. E, então, decorrido apenas um minuto, a forma como os seus olhos se inflamavam com um pavor terrífico, à medida que o líquido em volta do seu corpo começava a escaldar e a devorar-lhe a pele e a carne. Hunter conseguia determinar o momento exato em que o homem desistira de lutar, ao compreender por fim que jamais sairia dali com vida. O assassino estava simplesmente a brincar com ele.

— Detetaste alguma coisa no tom da voz dele?

— Não. Ele manteve-se calmo ao longo da conversa, à exceção da altura em que me deu um berro, exigindo-me que escolhesse. Fora isso, não houve picos de fúria, sobrexcitação, nada. Ele exerceu sempre um controlo sobre as suas emoções e a conversa. — Hunter recostou-se na sua cadeira. — Mas há uma coisa que me preocupa.

— O quê?

— Quando eu lhe disse que ele não precisava de fazer aquilo.

Garcia assentiu com a cabeça:

— Disse-te que sabia que não precisava, mas que queria fazê-lo. Disse que ia ser divertido.

— Precisamente, e isso podia sugerir que a vítima não era ninguém em particular. É provável que aquela fosse uma escolha perfeitamente aleatória.

— Nesse caso, este tipo é outro maldito psicopata, a matar pessoas pelo gozo que isso lhe dá.

— Ainda não sabemos — replicou Hunter. — O problema é que quando eu lhe disse que não podia tomar uma decisão porque desconhecia o motivo pelo qual a vítima estava ali presa, o homem respondeu-me que isso era algo que eu tinha de descobrir por mim mesmo.

— E?

— E isso podia indicar que a vítima *não era* uma escolha totalmente aleatória. Que havia uma razão específica para ele ter sido escolhido, mas o assassino não ia revelá-la.

— Por conseguinte, ele está literalmente a gozar connosco.

— Ainda não sabemos — voltou Hunter a dizer, antes de impelir a cadeira para trás e dar uma olhadela ao relógio, soltando o suspiro que estivera a reter. — Mas eu também já terminei por aqui. — Desligou o computador. O mesmo sentimento de impotência que o dominara ao assistir à transmissão em direto voltara, abrindo-lhe um buraco vazio no peito. Não havia mais

nada que eles pudessem extrair daquelas imagens da Internet ou da gravação em áudio. Nesse momento, tudo o que lhes restava era esperarem por algum tipo de desenvolvimento por parte da Unidade de Pessoas Desaparecidas.

DEZ

HUNTER ESTAVA SENTADO ÀS ESCURAS. O seu olhar fixo dirigia-se ao outro lado da janela da sala de estar do seu pequeno apartamento de duas assoalhadas em Huntington Park. Ele vivia sozinho — sem mulher, filhos ou namorada. Nunca tinha casado e jamais tivera uma relação a longo prazo. Apesar de algumas tentativas feitas no passado, ser inspetor na Unidade Especial de Homicídios numa das cidades mais violentas da América afetava de uma forma particular qualquer relacionamento que ele mantivesse, por pouco sério que fosse.

Hunter deu mais um gole no café forte e olhou para o relógio; eram 4h51. Tinha conseguido dormir apenas quatro horas, todavia, para ele, isso era o mais próximo que poderia ter de uma noite abençoada.

A batalha de Hunter contra as insónias instalara-se muito cedo na sua vida, sendo espoletada pela morte da mãe, quando tinha apenas 7 anos. Os pesadelos eram tão devastadores que, num mecanismo de autodefesa, o cérebro fazia o possível por mantê-lo acordado durante a noite. Em vez de cair no sono, Hunter lia avidamente. Os livros tinham-se tornado o seu refúgio, a sua fortaleza. Um lugar seguro que os pesadelos sinistros não conseguiam invadir.

Hunter sempre fora uma pessoa diferente. Ainda em criança era capaz de resolver quebra-cabeças e problemas mais depressa que muitos adultos. Era como se o seu cérebro tivesse a capacidade de agilizar praticamente tudo. Na escola, os professores não tiveram dúvidas em considerar que ele se destacava da maioria dos alunos. Aos 12 anos, depois de realizar uma série de exames e testes sugeridos pelo doutor Tilby, o psicólogo da Escola Mirman para Crianças Sobredotadas, Hunter ingressou no 8.º ano desta instituição, dois anos antes da idade normal dos 14 anos.

O currículo escolar especial da Mirman não colocou qualquer obstáculo a Hunter. Antes de completar 15 anos já tinha feito todo o programa, condensando em dois os quatro anos de ensino secundário. Com recomendações

de todos os professores, e uma referência especial por parte do diretor da escola, Hunter foi admitido como aluno em «circunstâncias especiais» na universidade de Stanford. A sua escolha recaiu na psicologia. Na altura, as insónias e os pesadelos estavam relativamente controlados.

As notas de Hunter na universidade continuaram a ser impressionantes, e ele obteve um doutoramento em Análise de Comportamento Criminal e Biopsicologia quando estava prestes a completar 23 anos. O diretor do departamento de psicologia da universidade de Stanford, o doutor Timothy Healy, deixou bem claro que haveria sempre um lugar para ele na sua equipa, se Hunter manifestasse interesse numa carreira académica. Hunter declinara delicadamente o convite, embora dissesse que o teria em consideração. O doutor Healy foi igualmente o responsável pelo envio da tese de doutoramento de Hunter, intitulada «Estudo Avançado de Psicologia sobre a Conduta Criminal», para o diretor do Centro Nacional de Análise do Crime Violento do FBI. Até hoje, a tese continuava a ser uma das leituras obrigatórias neste departamento do FBI, bem como na sua Unidade de Análise Comportamental.

Duas semanas depois de Hunter obter o doutoramento, viu o seu mundo sofrer um novo abalo. O pai que, na altura, trabalhava como segurança numa dependência do Bank of America, no centro de Los Angeles, foi baleado durante um assalto que degenerara num tiroteio do faroeste. Os pesadelos e as insónias de Hunter regressaram com uma violência inesperada e jamais o tinham abandonado desde aí.

Hunter acabou de beber o seu café e pousou a chávena no parapeito da janela.

Por muito que ele fechasse os olhos com firmeza ou os friccionasse de punhos cerrados, não conseguia libertar-se das imagens que o atormentavam desde a tarde do dia anterior. Parecia que cada segundo das imagens ficara gravado na sua memória e alguém ligara um interruptor para as reproduzir continuamente na sua cabeça. A sua mente estava constantemente a ser inundada com questões para as quais ele não conseguira obter nem uma única resposta até ao presente momento. Algumas delas eram mais angustiantes.

— Porquê a tortura? — perguntou a si próprio em voz baixa. Hunter tinha a perfeita noção de que apenas uma personalidade específica conseguia torturar outro ser humano antes de o liquidar. Por simples que possa parecer, quando é chegada a altura, muito poucos eram capazes de o concretizar. Torturar exige um nível de distanciamento das emoções humanas

normais que poucas pessoas conseguem atingir. As que o conseguem são designadas pelos psicólogos e psiquiatras como *psicopatas*.

Os psicopatas não dão mostras de empatia, ou remorso, ou amor, ou qualquer outra emoção associada à consideração por outra pessoa. Por vezes, a falta de sentimentos pode ser tão radical que eles não chegam sequer a manifestar emoções relativamente a si mesmos.

O segundo facto que revolvia a mente de Hunter como um bulldózer era o *jogo da escolha*. Porque se daria o assassino ao trabalho insano de criar uma câmara de tortura preparada para cometer duas mortes horrendas, pelo fogo ou pela água? E que razão o levaria a fazer um telefonema para ele, ou para outra pessoa, não vinha ao caso, pedindo que essa escolha fosse feita?

Não era invulgar um homicida, ou até um psicopata, hesitar na sua decisão de matar alguém no último minuto, mas este não parecia ter constituído um problema para o atual assassino. O homem não estava irresoluto sobre o facto de a vítima ir morrer; ele simplesmente não conseguia decidir qual das hipóteses seria pior — morrer queimado ou afogado. Dois opostos, de certa forma. Duas das mortes mais temidas por um ser humano. Contudo, quanto mais pensava nisso, mais Hunter se sentia um idiota. Ele tinha a certeza de que fora ludibriado.

Hunter sabia que o autor da chamada jamais iria ter aquela quantidade de hidróxido de sódio preparada sem que houvesse um motivo para isso. Tudo fizera parte do jogo. Ele próprio o dissera. O assassino esperava que a escolha de Hunter recaísse na água e não no fogo, precisamente pelas razões a que aludira ao telefone — tratava-se de uma forma menos agressiva e sádica, e também mais rápida, de acabar com o sofrimento da vítima. Além disso, a água preservava o estado do corpo e, caso ele fosse localizado com brevidade, a equipa de peritos forenses teria mais probabilidades de encontrar uma pista, se esta existisse. Já o fogo acabaria simplesmente por destruir tudo.

Hunter rangeu os dentes, enraivecido, tentando inutilmente lutar contra o sentimento de culpa que o atormentava. Na mente dele, não restava qualquer dúvida de que o autor da chamada o tinha manipulado. E Hunter odiava-se por não ter percebido isso.

O toque do telemóvel desviou-o bruscamente dos seus pensamentos. Ele piscou os olhos duas vezes como se despertasse de um sonho mau e olhou em redor, para a sala às escuras. O telemóvel estava pousado numa mesa de refeições de madeira, velha e riscada, que servia também de secretária. O aparelho agitou-se mais uma vez sobre o tampo da mesa antes de Hunter

pegar nele. O ecrã de chamada disse-lhe que era Garcia. Instintivamente, olhou para o relógio antes de atender. Eram 5h04. O que quer que fosse, Hunter sabia que não eram boas notícias.

— Carlos, o que se passa?

— Já temos o corpo.

**O PÚBLICO ESCOLHE. ELES MORREM.
UM POR UM.
QUEM SERÁ O PRÓXIMO?**

Preciso da sua ajuda, inspetor: afogamo-lo ou queimamo-lo vivo?

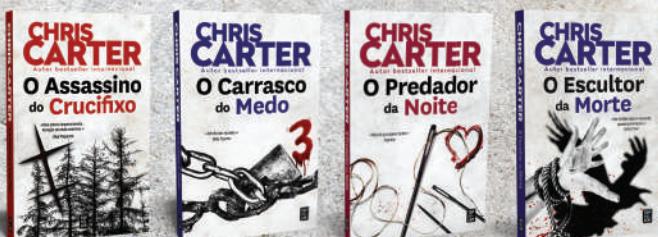
O inspetor Robert Hunter, da Divisão de Assaltos e Homicídios da Polícia de Los Angeles, recebe um telefonema anónimo de alguém a dizer-lhe que vá a uma transmissão privada num endereço específico da Internet. Hunter regista-se e depara-se com um espetáculo macabro, feito apenas para os seus olhos. Mas quem telefonou não quer que ele se limite a observar; quer que ele participe. E a recusa não é opção.

ESCOLHA! Fogo ou água?

Obrigado a fazer uma escolha brutal, ele tem de assistir em direto à tortura e à morte atroz de uma vítima não identificada. A Polícia de Los Angeles e o FBI usam todos os meios ao seu dispor para localizar a origem da transmissão, mas este assassino não é um amador, e ocultou todo o seu rasto. E antes mesmo de Hunter e o seu parceiro, Garcia, terem tempo de começar a investigação, eis que o primeiro recebe um novo telefonema. Um novo endereço. Outra vítima.

Mas desta vez o homicida elevou o jogo a um nível superior. Transformou-o num programa ao vivo a que toda a gente pode assistir e onde cada um pode decidir sobre como deve a vítima morrer.

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-05-8



9 789898 917058

Policial